

Música / Cinema

30 Janeiro, 1, 2, 3, 4, 5 Fevereiro 2010

Hootenanny

Comissário: Ruben de Carvalho

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



**Corey Harris
& The Rasta Blues Experience**

Música Sáb 30 de Janeiro
Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30

Josh White

Cinema Seg 1 de Fevereiro
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h15

Josh White Jr.

Música Ter 2 de Fevereiro
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h30

Master Class de Guitarra de Blues

Master Class Qua 3 de Fevereiro
Sala 6 · 17h30 · Duração aprox. 2h00

**A propósito de Robert Johnson
Cadillac Records**

Comentários de Elijah Wald
Cinema Qua 3 de Fevereiro
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h30

Elijah Wald

Robert Johnson: Roots and Branches
Música Qui 4 de Fevereiro
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h30

Henry Butler

Música Sex 5 de Fevereiro
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h30

Os blues

Tecnicamente, trata-se de uma estrutura musical de doze compassos divididos em três frases de quatro compassos que se organizam em torno de três acordes (tônica, subdominante, dominante) alterando a voz ou o instrumento segundo um esquema AAB marcado pela alteração da terceira e sétima nota da escala diatônica (notas *blue*) cuja origem é habitualmente atribuída às influências das escalas pentatônicas africanas.

Pode ser assim ou não exactamente assim, porque nos *blues* o essencial são os intérpretes.

Os *blues* têm uma data de nascimento oficial: 14 de Fevereiro de 1929, quando a editora discográfica Okeh editou um disco de Mamie Smith com um tema intitulado *Crazy Blues*. Passou-se isto em Nova Iorque, mas toda a gente está de acordo que se formaram antes, ao longo do século XIX, entre a população negra dos estados do Sul, com destaque para o Delta do Mississipi, a que o musicólogo Alan Lomax chama *a terra onde os blues começaram*.

Foi também a Lomax que o cantor de *blues* Leadbelly explicou: *Quando lá pela noite dentro andas de um lado para o outro e nada te deixa contente, faças o que fizeres, então os Velhos Blues apanharam-te*.

Hootenanny, o ciclo que desde 2009 a Culturgest começou a dedicar à música popular e tradicional norte-americana, viajou a um dos berços da *folk* branca, as montanhas Apalaches; em 2010 procura o que Duke Ellington chamou a *folk music do povo negro*, os *blues*. Começaram no Delta mas, da Louisiana a Chicago, da pop ao rock,

com passagem pela música erudita, são hoje uma influência essencial de toda a música popular, em particular, naturalmente, da que se faz nos Estados Unidos.

Falar-se-á de duas figuras essenciais da história, Josh White e Robert Johnson. Veremos imagens e filmes, ouviremos falar deles, escutaremos a sua música pela voz autorizada de biógrafos: Josh White Jr. e Elijah Wald. Josh White Jr. fará ainda uma *master class* dedicada à técnica única de guitarra do seu pai. Ouviremos um dos mais consagrados pianistas de *blues*, Henry Butler, e o grupo do guitarrista Corey Harris, um dos mais importantes expoentes da cena de *blues* e da música afro-americana actual.

Ver-se-á e ouvir-se-á essa estranha e sensual sedução da *devil's music* – os *blues*.

Sáb 30 de Janeiro, Seg 1, Ter 2, Qua 3, Qui 4, Sex 5 de Fevereiro



Corey Harris & The Rasta Blues Experience

Música Sáb 30 de Janeiro
Grande Auditório · 21h30
Duração: 1h30 · M12

Teclados Christopher Whitley
Voz, guitarra Corey Harris
Bateria Kenneth Joseph **Baixo** Donovan Marks
Saxofone Gordon Jones

O início da carreira de Corey Harris é relativamente comum à maioria dos músicos afro-americanos: em casa, na sua terra natal de Denver (Colorado), onde nasceu em 1969, Corey começou a tocar guitarra logo aos 12 anos, fascinado pelas velhas gravações de Lightnin' Hopkins guardadas por sua mãe. A isto se seguiu um aperfeiçoamento que o levou a participar na escola num incipiente grupo de rock, a fazer parte da banda da universidade que viria a frequentar, enquanto as suas capacidades vocais se revelavam na participação no coro da igreja local.

Traços mais reveladores do que viria a ser o seu trabalho começam a revelar-se na opção do curso que escolheu na Bates University, no Maine: Antropologia. Concluído este, viajou para África, para os Camarões, onde realizou o trabalho em que se basearia a sua pós-graduação na Bates e onde, para além de iniciar um trabalho que prossegue sobre a música africana e as suas ligações com a norte-americana, aprendeu línguas, tornando-se fluente também em francês e conhecedor de dialectos africanos. Tal facto assegurar-lhe-ia, de resto, o seu primeiro emprego estável, como professor de inglês e francês em Napoleonville, na Louisiana.

O seu aparecimento nos clubes e bares locais acabou por chamar a atenção de uma das mais destacadas editoras com largo catálogo afro-americano, a *Alligator* e, em 1995, apenas com 26 anos, grava o primeiro álbum, *Between Midnight and Day*, um trabalho a solo em guitarra essencialmente sobre *blues* do Delta e que recebeu críticas entusiásticas. Dois anos depois é a vez de *Fish Ain't Bittin'*, acompanhado por um grupo

de metais característico de New Orleans, mas onde Corey inclui já numerosas composições próprias.

Em 1998 verifica-se um dos mais curiosos – e significativos – dos seus trabalhos: a colaboração com o músico britânico Billy Bragg e o grupo Wilco no CD *Mermaid Avenue*, uma homenagem a Woody Guthrie onde Corey assegura em várias faixas um sedutor som *bluesy* de guitarra, além de voz e de participação nos arranjos que largamente contribuiu para a originalidade e impacto de *Mermaid*.

O regresso à influência de New Orleans anunciada anteriormente confirma-se em 1999 com *Greens from the Garden*, gravação que consolidou definitivamente Corey Harris como um dos mais prometedores músicos da nova geração com uma série de trabalhos que aprofundam inovadoramente vários estilos da cidade do Delta, *blues*, *rhythm and blues*, mas onde se revela igualmente não apenas o resultado das digressões africanas como um declarado interesse pelas novas expressões afro-americanas: *rap*, *hip-hop*.

Ainda nesse ano, Corey grava um excelente disco exclusivamente com o veterano pianista Henry Butler (que realizará um concerto igualmente no *Hootenanny* deste ano) com o título *Vu-Du Menz* onde, além de uma interessantíssima viagem pelos estilos de jazz e *blues*, ficou uma faixa a *capella* pelos dois músicos que foi salientada por todas as resenhas e críticas.

O interesse pelas várias expressões da música negra levaria Harris a novos contactos com África que se traduziriam em 2002 num trabalho que nesse ano marcou simultaneamente a cena

jazz-blues e a de *world music*: *Mississippi to Mali*, gravado em conjunto com o virtuoso guitarrista do Mali Ali Farka Touré que a *Rolling Stone* incluiria, antes do seu desaparecimento em 2006, como um dos maiores 100 guitarristas do mundo.

Em 2003 Corey Harris participou no episódio filmado por Martin Scorsese da série dedicada aos *blues*, em 2005 lançou *Daily Bread*, que coincide com um renovado interesse do músico já não apenas pelas raízes da África Ocidental, mas igualmente pelo eixo Etiópia-Jamaica (países que visita) e pelo *reggae*, o que com clareza se expressa no disco esclarecedoramente designado *Zion Crossroads* lançado em 2000.

Traduzindo o interesse que o seu trabalho como músico e investigador desperta, foi contemplado em 2007 com a *MacArthur Fellowship*, designada habitualmente pelo *Genius Award*, bolsas de meio milhão de dólares cada atribuídas anualmente a um reduzido número de cientistas e artistas considerados especialmente promissores pela John D. and Catherine T. MacArthur Foundation, de Chicago.

Em Setembro do passado ano, Corey Harris editou *blu.black*, uma colecção de catorze temas originais viajando entre os *blues* e o *reggae*. O álbum deu origem a um conjunto de concertos por todo o mundo, no seguimento das numerosas digressões realizadas nos últimos anos.

Respeitando a filosofia do registo fonográfico que lhe dá origem, o concerto de Corey Harris desta noite será uma viagem pela música de raiz africana na sua infinita migração entre as várias raízes e a evolução dos *blues* no continente americano.



Josh White

Cinema Seg 1 de Fevereiro

Pequeno Auditório 21h30

Duração: 1h15 · M12 · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

O vídeo sobre Josh White que será projectado resulta da montagem de material de origens mais diversas, todo ele a preto e branco e em muitas circunstâncias denunciando a sua idade (o cantor desapareceu em 1969) e o facto de se tratar de cópias de emissões e raramente de originais.

Colocado na lista negra pela caça às bruxas do senador Joseph McCarthy no final dos anos 1940, White viveu grande parte da década de 50 na Grã-Bretanha, onde pôde prosseguir o seu trabalho, incluindo um programa na BBC e conquistando um público fiel, nomeada-

mente na Escandinávia, onde a televisão sueca registou alguns dos melhores documentos filmados sobre o cantor e aqui incluídos.

Três momentos dos 60 minutos desta projecção merecem uma menção particular que se sublinharão nas notas que se seguem: *Uncle Sam Says*, *Strange Fruit* e o conjunto *John Henry* e *Free and Equal Blues* incluídos na emissão *Dinner with the President*, de 1963.

Josh White Jr., filho de Josh White, acompanhará a projecção e sobre ela fará um comentário em diálogo com o público. A *Culturgest* e *Hootenanny* agradecem a Josh White Jr. e a Douglas Yeager, responsável pelo património e legado do cantor, a cedência dos materiais utilizados nesta projecção.

Good Morning Blues

Trata-se de um trecho recolhido da gravação de um programa especial da TV sueca em 1969 dedicado a Josh White, acompanhado por um contrabaixista

que não foi possível identificar. O título *Good Morning Blues* é utilizado em diversos temas com diversas interpretações (Count Basie, Ella Fitzgerald, Jimmy Rushing, etc.) com variantes diversas, mas a versão aqui interpretada por White é a que, em princípio, pode ser considerada a original, da autoria de Leadbelly, tornada aliás famosa por um dos registos efectuados pelo autor incluir a sua célebre frase «nenhum branco pode ter os blues»!

Joshua Fit the Battle of Jericho Blind Man Stood on the Road and Cried

Os dois temas, espirituais negros tradicionais, fazem parte do programa da TV britânica gravado em 1965 e que incluíam fragmentos autobiográficos de Josh White, que foram mantidos. Como frequentemente acontece com os espirituais, ambos se baseiam em episódios bíblicos: no primeiro (Josué, 6: 3-20), a conquista de Jericó pelas tropas judaicas comandadas por Josue é descrita com o episódio do som das trombetas derrubando as muralhas (hoje historicamente considerado como tendo constituído sinal para retirar as escoras das minas escavadas pelos atacantes sob as defesas da cidade). O segundo refere-se ao encontro de Cristo com o cego Bartimeu, filho de Timeu (Marcos, 10: 46-52).

As duas canções tinham naturalmente uma importância grande no reportório do cantor, já que o primeiro se liga ao seu próprio nome («Josh» era abreviatura do seu nome, Joshua Daniel White) e a sua trajectória enquanto criança pobre, acompanhando como pedinte *bluesmen* cegos como Blind Man Arnold, Blind Lemnon Jefferson, Blind Joe Taggart, etc.

Miss Otis Regrets (Cole Porter)

Escrita em 1934, a canção destinou-se ao musical *Hi Diddle Diddle* estreado em Londres nesse ano narrando, num estilo musical *bluesy*, a decadência de uma mulher rica até ao assassinio do seu amante, sendo por isso presa e executada. A cruel ironia traduzida no título resulta da intervenção final do seu criado que, circunspectamente, anuncia que, dadas as circunstâncias, «a Sra. Oris lamenta não pode hoje almoçar»... A canção teve um enorme êxito, sendo interpretada desde Ella Fitzgerald a Edith Piaff, passando por Marlene Dietrich. O registo é do mesmo *show* da primeira faixa deste vídeo.

Jelly Jelly

Trata-se da adopção por Josh White de um velho *blue* dos anos 1940, de inequívoca insinuação sexual (em calão americano, *jelly-roll* refere-se claramente a acto sexual). A reconhecida comunicabilidade em palco de Josh (que muito contribuíra para a sua popularidade) deve ter também tranquilizado a audiência britânica, possivelmente pouco familiarizada com o *slang* do outro lado do Atlântico... O registo é realizado na televisão inglesa e Josh White surge acompanhado por Danny Thompson (contrabaixo), pela cantora americana Julie Félix e por um guitarrista que se tornaria essencial na divulgação dos *blues* e *r&b* na Grã-Bretanha: Alexis Korner.

Free and Equal Blues (Earl Robinson)

Composta inicialmente como uma canção rápida, foi pela primeira vez

cantada pelo seu autor acompanhado pelo pianista Dooley Wilson (o «Sam» do filme de Michael Curtiz *Casablanca*). O compositor Earl Robinson (1910-1991), foi um dos mais destacados membros do grupo de músicos de esquerda em que se integraram Pete Seeger, Paul Robeson e também Josh White. Aluno de Hans Eisler e de Aaron Copland, Robinson escreveu algumas peças que fizeram época no período rooseveltiano, nomeadamente *The House I Live In*, com letra de Abel Meeropol (vd. Nota 8), que, na voz de Robeson, White e até de Frank Sinatra (!) se transformou num gigantesco êxito que sucumbiu à *caça às bruxas* ao ser considerada uma peça da «conspiração vermelha» dado o afirmado posicionamento dos seus autores e principais intérpretes. Robinson, que trabalhou com Leonard Bernstein em *Candide*, escreveu outro gigantesco sucesso do mesmo período, *Ballad for Americans* (com letra de John La Touche) também celebrizado por Robeson e White. Josh White viria (como sucede neste registo) a transformar a versão inicial de *Free and Equal Blues* acrescentando-lhe trechos do clássico *St. James Infarmary*.

Watcha Gonna Do

Trata-se de um dos mais comuns temas de Josh White, gravado inúmeras vezes e em versões diversas, incluindo acompanhado por Sonny Terry e Brownie McGhe. É das peças mais esclarecedoras quanto ao seu virtuosismo instrumental.

Uncle Sam Says

(Josh White-Warning Cuney)

Trata-se de uma das canções que mais importante papel desempenhou na vida

de Josh White. Composta com letra do poeta da *Harlem Renaissance* Warning Cuney (1906-1976) foi sugerida a White após a visita ao aquartelamento de Fort Dix (onde se encontrava seu irmão como recruta no quadro do envolvimento norte-americano na II Guerra). White ficou chocado ao verificar que os recrutas brancos vivam em casas de madeira, enquanto os negros eram obrigados a dormir em tendas de campanha. Nessa mesma noite escreveu a canção que foi incluída no LP *Southern Exposure*. Ouvida pelo presidente Franklin Roosevelt (que em 1940 assinara legislação banindo as práticas segregacionistas no exército, medida que, em geral, os comandos viriam a sabotar), a canção levou este a convidar White para uma audição na Casa Branca que constituiu o início de um relacionamento muito próximo e regular com o presidente e sua mulher Eleanor (que viria a ser madrinha de seu filho, Josh White Jr.).

Strange Fruit

(Lewis Allan – Abel Meeropol)

Considerada oficialmente como uma das maiores canções do século XX, *Strange Fruit* foi cantada pela primeira vez em 1939 por Billie Holiday no *Café Society* em Nova Iorque, o primeiro bar americano onde actuavam e era frequentado por negros e brancos, ponto habitual de reunião da esquerda (os seus empregados eram quase todos veteranos do Batalhão Lincoln, a unidade norte-americana das Brigadas Internacionais na guerra de Espanha). O poema fora publicado pelo seu autor pela primeira vez em 1936 após mais um revoltante episódio de linchamento de negros no Sul dos EUA e por ele proposto a Billie.

Está hoje confirmado que Abel Meeropol (1903-1956), professor de liceu de origem judaica e, tal como sua mulher, Ethel, militantes sindicais e comunistas, foi autor da letra e da música, mas a confusão reinou durante anos por o tema aparecer assinado por um tal Lewis Allan – que nunca existiu: trata-se do pseudónimo que Meeropol se viu obrigado a utilizar para se furta à lista negra em que, enquanto militante do PCEUA, foi lançado.

Abel Meeropol e sua esposa Anne acolheram e adoptaram Robert e Michael, os filhos de Julius e Ethel Rosenberg.

Josh White foi um destacado participante da vida cultural do *Café Society* e contribuiu, tanto quanto a sua criadora, para a divulgação da que é considerada talvez a mais importante canção antiracista dos EUA, tendo desempenhado um papel determinante na perseguição do mccarthysmo ao cantor. Registe-se contudo que Josh White fazia questão de nunca interpretar *Strange Fruit* fora dos EUA por se considerar um americano de pleno-direito que com os seus compatriotas deveria resolver os problemas que brutalmente afectavam o seu País.

John Henry

(trad.)

Hard Times Blues

(Josh White-Warning Cuney)

Free and Equal Blues

(Earl Robinson)

Em 1963, durante as comemorações do seu 50º aniversário, a *American Anti-Defamation League* realizou no Sheraton Park Hotel, em Washington DC, um jantar de gala para entrega de um galardão

pela defesa dos Direitos Cívicos ao então presidente John Kennedy. A ADL é uma polémica organização ligada essencialmente aos *lobbies* judaicos e sionistas norte-americanos e que tem sido objecto de numerosas críticas. Contudo, após a II Guerra e em grande medida pelo impacto provocado pelo Holocausto, a ADL desenvolveu uma actividade globalmente anti-racista, alargando o seu combate ao anti-semitismo também ao apoio efectivo à luta contra a segregação racial da população negra norte-americana e pelos direitos cívicos, então no seu auge. É neste quadro que aquela iniciativa se integra, tendo incluído um espectáculo com coloração fortemente progressista. Com um texto escrito pelo professor liberal e prémio Pulitzer Mark Van Doren (1903-1986) e apresentado pelo actor Robert Preston (1918-1987), os participantes pertenciam à primeira linha dos cantores *folk* comprometidos com o movimento de Martin Luther King: Judy Collins, os Clancy Brothers – e Josh White. Que assim fazia a sua primeira aparição na TV norte-americana após a lista negra, sob o patrocínio do próprio presidente, e constituiu um reinício de carreira por alguns anos, infelizmente afectados pela doença.

Com uma estrutura narrativa sobre a história dos EUA, o espectáculo incluiu duas intervenções de Josh White: o famosíssimo tema tradicional *John Henry*, peça essencial do cancionero operário e afro-americano, os combativos *Hard Times Blues* que haviam constituído o grande êxito do álbum *Southern Exposure* e *Free and Equal Blues* (vd. Nota 7).

***Wish the World Was Colorblind* (Josh White)**

Um dos últimos registos de Josh White (previsivelmente de 1967) com uma composição de inequívoco significado.

***Cindy, Cindy* (pop)**

O tema é de origem popular branca e é um exemplo típico do chamado *hoedown*, uma melodia com vocação coreográfica habitualmente em despique, despique que se mantém quando o suporte passa a ser apenas instrumental. Como assinala Elijah Wald, o registo é um excelente exemplo da capacidade de Josh White dar um sabor *bluesy* a melodias, tal como a comunicabilidade com uma audiência, neste caso sueca, mas claramente conquistada.

***Blind Man Stood on the Road and Cry* (pop)**

Trata-se de uma segunda versão, mas aqui completa e numa gravação de melhor qualidade, do tema com o nº 2 (vd. Notas). Josh surge acompanhado pela sua filha Beverly que, tal como a sua outra filha Judy e seu filho Josh Jr. o acompanharam em diversas digressões.

***Number Twelve Train* (Victoria Spivey)**

Embora a autoria não esteja inteiramente confirmada, a primeira gravação do tema, em 1927, deve-se à cantora e compositora negra Victoria Spivey (1906-1976), mas transformou-se num dos temas emblemáticos dos espectáculos de Josh White, nomeadamente pelo trabalho instrumental imitando o comboio que se mantém como uma das referências do seu domínio do

instrumento. Note-se que ainda antes de começar, White, neste espectáculo da TV norueguesa, é imediatamente objecto de uma salva de palmas quando coloca o cigarro aceso na sua orelha direita! Este truque transformara-se igualmente numa imagem de marca do cantor nas suas apresentações públicas e numerosas são as fotografias que testemunham esta situação.

Josh White

Nascido na Carolina do Sul em 1914, Josh White (de seu nome completo Joshua Daniel White) foi reconhecida-mente um dos mais influentes músicos de *blues* e dos que mais contribuiu para a divulgação da música vocal nascida no Delta do Mississípi junto dos mais variados públicos, muito especialmente a população branca do Norte dos EUA e na Grã-Bretanha.

Atigido, após a morte de seu pai, pastor baptista, pelas condições miseráveis da esmagadora maioria da população negra do *Deep South*, Josh, enquanto adolescente, foi verdadeiramente vendido pela sua mãe ao *blues-man* cego Blind Man Arnold que passou a acompanhar nas suas deambulações recolhendo o dinheiro dos ouvintes dos espectáculos de rua e iniciando uma dolorosa aprendizagem do repertório negro destes cantores errantes, bem como adquirindo outras capacidades, nomeadamente tocando guitarra e harmónica, sapateando e fazendo segundas vozes.

Arnold «cedeu» o seu jovem ajudante a outros músicos, acabando Josh por chegar a Chicago em 1927 com Blind Joe Taggart numa altura em que adquirira já

a fama de criança prodígio, nomeadamente pelas suas excepcionais qualidades enquanto guitarrista. Três anos depois, quando se começava a desenhar um mercado para a música negra, a editora de Nova Iorque ARC (antecessora da Columbia Records) consegue junto da mãe de Josh assegurar um «contrato» com ele lançando-o como uma jovem revelação na área da música religiosa negra – *gospel*, espirituais, e não *blues*, a «devil's music»... – com o rótulo comercial «Josh White – The Singing Christian».

Em 1933 Josh já se transformara numa estrela, nomeadamente por o seu repertório entrar no público branco, mais reactivo à sensualidade e expressividade da crescente produção de *blues*. Após um período de imobilidade provocado por um acidente que quase levou à amputação da sua mão direita, White recuperou surpreendentemente e no final da década de 1930 recomeçou a tornar-se conhecido, mas já no circuito dos bares e clubes de Chicago e com um repertório mais vasto de *blues* e baladas.

O seu talento musical, inteligência e evidentes qualidades cénicas aproximaram-no dos meios teatrais e musicais nova-iorquinos e a travar amizade com os grupos que, no período rooseveltiano (vd. Notas ao filme) marcavam posições socializantes e anti-racistas como Paul Robeson, Pete Seeger, Earl Robinson, etc. Fez parte integrante dos animadores do primeiro clube musical nova-iorquino acolhendo intérpretes e público negro e branco, o *Café Society*, aí tendo nascido algumas das composições que o tornariam mais conhecido como *Free and Equal Blues*, *Strange Fruit*, etc.

Estas ligações conduziram a que sobre ele recaísse a perseguição da

Comissão do senador McCarthy, acusando-o de militante comunista, que não era. Ignorando os conselhos de amigos politicamente mais conscientes como nomeadamente Robeson, Josh aceitou prestar declarações à Comissão (sem que tenha feito quaisquer denúncias), o que não o impediu de ser colocado na lista negra de todas as editoras e estações de rádio, mas igualmente lhe mereceu ácidas críticas da opinião de esquerda que considerou ter assumido uma posição colaborante.

Esta situação liquidou praticamente a carreira de Josh White que acabou por emigrar para a Grã-Bretanha, onde viria a ter determinante importância na divulgação dos *blues* junto do público inglês, nomeadamente o mais jovem.

A sua participação num jantar de homenagem a John F. Kennedy em 1963 (vd. Notas) assinalou de certa forma o fim da sua situação de proscrito, mas já só lhe restariam poucos anos de vida.

De Elvis Presley a Ry Cooder, de John Renbourne a Judy Collins, de Langston Hughes a Alan Lomax, Josh White é considerado um dos mais influentes músicos afro-americanos na área dos *blues* e da técnica de guitarra.



Josh White Jr.

Música Ter 2 de Fevereiro
Pequeno Auditório · 21h30
Duração: 1h30 · M12

Guitarra Josh White Jr.
Contrabaixo João Custódio

Josh White Jr. é herdeiro legal e artístico de seu pai, Josh White, o cantor geralmente apontado como o principal responsável pela divulgação da *folk* negra, do *blues* e dos espirituais à América branca e ao resto do mundo. Foi uma herança que Josh White Jr., nascido em 1940 e um dos cinco filhos do pai e de sua mulher Carol, claramente assumiu, enriquecendo-a embora com um vastíssimo trabalho próprio de cantor, compositor, actor e guitarrista, da *folk/blues*, da pop, do jazz, para adultos e para crianças. É ainda professor e activista social.

Não terá sido uma opção difícil: aos quatro anos, em 1944, o pai pô-lo em cima de um banco a cantar no célebre *Café Society* de Nova Iorque, o primeiro clube nocturno sem segregação entre negros e brancos. Nos cinco anos seguintes o pequeno Josh Jr. repete a graça em inúmeros espectáculos de Nova Iorque, Boston e Filadélfia e, em 1949, chega a um musical da Broadway, sempre com o pai. Uma parceria que durou 17 anos e que passou pelos discos, pela televisão e por digressões mundiais.

A solo grava pela primeira vez em 1956 *See Saw*, para a Decca. Ente 1949 e 1960 aparece em cinco peças da Broadway e numa *off-Broadway*. Ganha um *Tony Award* logo em 1949, como o melhor actor infantil. Em 1961 já tinha actuado em mais de 50 dramas de TV mas decide focar-se na música, pois as oportunidades de emprego para actores negros adultos eram escassas. Começa a gravar a solo uma série de discos. Já

conta vinte, atravessando todos os géneros que adoptou e somando colaborações com gente tão inesperada como a irmã Beverly White, o actor James Earl Jones, o ex-presidente Jimmy Carter, o pugilista Muhammad Ali ou o cantor Frank Sinatra. Em 1984 o disco *Jazz, Ballads & Blues*, de homenagem ao pai, é nomeado para um Grammy na área de jazz instrumental.

Com os anos volta a participar como actor em incontáveis séries televisivas, muitas delas de grande popularidade, e em peças de teatro. Faz o seu primeiro grande espectáculo na TV como músico num especial em 1979, na PBS. Em 1983 actua num musical biográfico do seu pai, *Josh: The Man & His Music*. Todos os anos faz questão de repor a peça, que quase sempre esgota. Actua em escolas a divulgar a música do seu pai e também de outros pioneiros da *folk*: Leadbelly, Woody Guthrie e Sonny Terry. Gravou um DVD onde ensina a técnica de tocar guitarra do pai: *The Guitar of Josh White*.

Após o 11 de Setembro de 2001, Josh gravou duas canções patrióticas e de defesa dos direitos civis do compositor Earl Robinson (1910-1991) e clássicos de seu pai, *The House I Live In* e *Free and Equal Blues* para uma compilação da Gateway Records intitulada *Celebrate America*. Na sequência dessa gravação, Josh foi o primeiro artista convidado a dar um espectáculo no Ground Zero.

Para além da música e das homenagens ao seu pai, Josh é um entusiasta e promotor do projecto *Our Living Story*, que aproveita as capacidades técnicas de actores para utilizar métodos didácticos modernos de ensino da história local em escolas de vários graus, dos mais baixos até à universidade. Está envolvido

em incontáveis actividades sociais e já recebeu inúmeras homenagens oficiais, desde doutoramentos *honoris causa*, passando por agradecimentos à sua actividade cívica e humanitária e até à nomeação em 1984 de “Homem do Ano do Michigan”, estado para onde foi viver depois da morte da primeira mulher, Jackie Harris, de quem teve dois filhos, um deles actor. É casado com Sara White. Somam seis filhos (Sara tinha quatro de um casamento anterior) e treze netos.

Josh White Jr. actuou pela primeira vez em Portugal, em conjunto com Odetta (1930-2008) na Festa do «Avante!» de 1982.

No seu concerto no *Hootenanny* Josh White Jr. será acompanhado pelo contra-baixista português João Custódio.

Master class de guitarra

Além do concerto no Pequeno Auditório no dia 2, do comentário à projecção do filme sobre seu pai no mesmo local no dia 1 e de uma actuação para crianças numa escola, Josh White Jr. realizará numa sala da Culturgest no dia 3 de Fevereiro às 17h30 uma *master class* dedicada à guitarra de *blues* e em especial ao estilo de Josh White com uma primeira parte com a duração de 60 minutos e para um máximo de 20 alunos; após esta primeira parte e do diálogo nela surgido, seguir-se-á uma segunda parte dedicada à execução de uma peça por cada um dos participantes e a uma análise individual por parte de Josh White Jr.



A propósito de Robert Johnson

Cadillac Records

Comentários de Elijah Wald

Cinema Qua 3 de Fevereiro
Pequeno Auditório · 21h30

Duração: 1h30 · M12 · **Entrada gratuita**
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Longa metragem, suporte vídeo, 1h49 minutos, legendado em português

Realização e argumento Darnell Martin
Elenco Adrien Brody, Beyoncé Knowles, Jeffrey Wright, Mos Def, Cedric the Entertainer, Columbus Short, Eamonn Walker, Emmanuelle Chriqui, Gabrielle Union, Shiloh Fernandez, Jay O. Sanders

Sem qualquer carácter exclusivo, é possível apontar três factores determinantes para a evolução dos *blues* ao longo do século XX: em primeiro lugar, o aparecimento quase simultâneo da gravação e da rádio com a sua contribuição exponencial para a divulgação musical e criação de públicos, incluindo, apesar do segregacionismo reinante, negro; segundo, a necessidade económica e social que provocou a massiva emigração de população negra dos estados agrícolas do Sul dos EUA para as cidades industriais do Norte (Memphis, Detroit, Kansas e, sobretudo, Chicago); terceiro, a invenção da amplificação sonora de vozes e instrumentos e, muito em especial, a da guitarra, que permitiu o desenvolvimento da técnica acústica da voz, guitarra e outros instrumentos dos *blues* do Delta do Mississípi para a criação de um som adaptado à estridência e ruído urbanos.

O papel das editoras discográficas foi

especialmente importante, na medida em que, a partir do início da década de 20 do século passado, sistematizaram o envio de verdadeiros caça-talentos para os Estados do Sul (tal como para as zonas dos Apalaches) em busca de músicos desconhecidos que, em condições de absoluta exploração, alimentassem a nascente procura de música que por sua vez sustentassem editoras e rádios.

Este processo foi especialmente intenso no que se refere à exploração do mercado da população negra do Norte, lançados numa vida urbana onde a telefonia, as grafonolas e *juke boxes* e os clubes de dança ganhavam crescente dimensão, dando origem a uma clivagem entre editoras de música «branca» e as da chamada *race music*, edições dirigidas essencialmente ao público afro-americano.

Uma das mais importantes dessas editoras resultou da compra em 1947 da já existente *Aristocrat Records* de Chicago pelos irmãos de origem judaica polaca Leonard e Phil Chess que em 50 a rebaptizariam de Chess Records.

Graças à visão de Leonard Chess, que técnica e comercialmente (a editora passou a dispor dos melhores estúdios de gravação de *race music*), quer na selecção de talentos (as contratações de Muddy Waters, Willie Dixon, Little Walter, Howling Wolf revelaram-se essenciais) fizeram com que a Chess se tenha transformado num dos eixos essenciais do *Chicago sound* até à sua venda pelos dois irmãos em 1969 (Leonard morreria de um ataque de coração meses após a venda) à GRT, terminando no final do século, após várias vicissitudes, o seu riquíssimo catálogo na posse da Universal Music.

A história da Chess Records deu origem a dois filmes, *Who Do You Love*, realizado por Jerry Zacks (previsto para estrear este ano) e *Cadillac Records* (2008), da realizadora Darnell Martin (também sua argumentista), nascida no Bronx (NY) em 1964, a primeira cineasta afro-americana contratada por uma *major* para realizar uma longa-metragem (*I Like It Like That*, 1994), após vários trabalhos para televisão e de *Suspect* (1992), realizado com o apoio da New York University e que lhe garantiu uma bolsa do *Sundance Institut* de Robert Redford.

Com música de Terence Blanchard e Steve Jordan e a presença de Adrien Brody (*Leonard Chess*), Beyoncé (*Etta James*), Jeffrey Wright (*Muddy Waters*) e outros, *Cadillac Records* é uma visão romanceada, nem sempre rigorosa do ponto de vista histórico, embora forneça uma visão muito próxima do papel de alguns personagens (Chess, Willie Dixon, Waters) e do ambiente musical da Chicago afro-americana dos anos 50 e da evolução dos *blues*, do *r&b* e da influência essencial de Robert Johnson.

Antes da projecção do filme *Cadillac Records*, será exibido um *clip* mostrando a actuação de Muddy Waters e a sua banda, no Festival de Jazz de Newport de 1960, tocando o célebre tema *Got My Mojo Working*. É a melhor interpretação filmada do homem que transformou o estilo de Robert Johnson num estilo moderno e eléctrico, que está na origem do rock'n'roll.

Robert Johnson

Robert Johnson (1911-1938) é talvez o músico de blues envolto em mais lendas e mistérios, tanto quanto é reconhecida a sua determinante influência na evolução do estilo e na criação da técnica de guitarra que conduziria ao surgimento do rock contemporâneo. Eric Clapton não hesita mesmo em classificá-lo como «o mais importante de todos os cantores de *blues*».

Nascido no Mississípi (os seus pais haviam sido escravos) Johnson tornou-se famoso pela sua inovadora técnica de guitarra e pelo talento enquanto compositor. Compreende-se a dimensão da sua influência quando se verifica que, desaparecido apenas com 27 anos, alegadamente envenenado por um marido ciumento, a sua obra gravada inclui apenas 41 temas (em rigor, 29 pois há *takes* repetidos).

Hootenanny convidou Elijah Wald, autor da que é considerada a mais completa biografia de Johnson, - *Escaping the Delta - Robert Johnson and the invention of the Blues* - e, por sua sugestão, a palestra que realizará será acompanhada pela projecção do filme *Cadillac Records*, que Wald comentará na perspectiva exactamente da influência da herança musical de Johnson.

A lenda da *devil's music* está muito ligada a Robert Johnson e Wald dedicou-lhe no seu livro especial atenção, chamando em particular a atenção para a persistência da lenda do «pacto com o demónio» para adquirir virtuosismo existente em quase todos os universos da música popular.

Elijah Wald © Sandrine Sheon



Elijah Wald Robert Johnson: Roots and Branches

Música Qui 4 de Fevereiro
Pequeno Auditório · 21h30
Duração: 1h30 · M12

Guitarra Elijah Wald

Este é o homem que explica *Como os Beatles destruíram o Rock'n'Roll*. E este é o título de um livro lançado em Maio de 2009 nos Estados Unidos, que se apresenta como “uma história alternativa da música popular americana”, desde os primórdios da gravação do som até aos tempos em que os Beatles abandonaram os espectáculos ao vivo para se dedicarem, apenas, ao trabalho em estúdio. Nessa altura deixam de ser um grupo de

dança para adolescentes e passam a ser uma formação artística “conceptual”.

A tese do historiador e músico Elijah Wald é esta: nessa transformação dos Beatles a gravação passa a ser a verdadeira referência da música popular – e não o espectáculo ao vivo – e daí nasce outra realidade, onde o rock e seus sucedâneos passam a ser dominados por músicos brancos. Em contrapartida o *soul*, o *disco* e o *hip-hop* ficam dominados por artistas negros. E assim se concluiu o processo de morte do rock'n'roll, declara Wald.

Mas a mera explicação da graça do título desta obra pode escamotear a profundidade da sua investigação, a riqueza de dados e documentação apresentada e a agudeza da análise de um trabalho que revela muito mais do que acima se conta, merecendo por isso elogios grandiloquentes de críticos do *New*

York Times, *Newsweek*, *The Guardian*, *Financial Times*, de académicos reputados ou de músicos como Tom Waits.

Elijah Wald está a chegar à dezena de livros publicados e soma centenas de artigos em jornais e revistas dos Estados Unidos e Inglaterra, quase todos sobre música popular, desde a *folk* à *world music* (foi durante 10 anos o cronista da área do *Boston Globe*, agora escreve no *Los Angeles Times*) passando pela música mexicana (os interessantes *corridos* ligados ao narcotráfico) e, claro, pelo Mississippi (*River of Song*, o livro da série para a PBS patrocinada pela Smithsonian Institution realizado com John Junkerman e prefaciado por Ani diFranco).

Um dos livros mais importantes que escreveu é *Josh White Society Blues*, saído em 2000, que ganhou o prémio de livro do ano sobre artes do espectáculo da Independent Publisher's e é considerado o mais completo trabalho sobre o cantor. Mas é outra a obra que o traz a Portugal: *Escaping the Delta: Robert Johnson and the invention of the Blues* publicado em 2004 e que igualmente veio trazer uma nova luz à talvez mais mitológica figura dos *blues*: Robert Johnson.

Elijah Wald coloca Johnson na origem directa da evolução que fez os acordes acústicos do Delta do Mississipi subirem o rio até à electrificação de Chicago e aí abrirem um caminho que se mantém aberto e continua a ramificar-se.

Além de escritor e investigador, Elijah Wald é também músico. Toca desde os 7 anos e foi como músico de guitarra às costas que nos anos 70 e 80 do século passado andou a ganhar a vida na Europa, na Ásia, em África e na América

Central. A experiência passou por fazer parte de uma banda de *blues* em Sevilha, até dar espectáculos com um grupo rock num hotel do Sri Lanka (aí até estudou com o guitarrista congolês Jean-Bosco Mwenda), passando por mil e uma outras aventuras. Claro que também actuou, de costa a costa, nos Estados Unidos.

Nascido em 1959, Elijah Wald é filho de um Prémio Nobel da Medicina (George Wald) e da bióloga Ruth Hubbard com quem escreveu um livro – *Exploding the Gene Myth*. Gravou dois discos: *Elijah Walker: Songster, Fingerpicker, Shirtmaker*, que só há em LP, e o CD *Street Corner Coowboys*. A sua vocação didáctica motivou-o a gravar um DVD onde ensina a tocar guitarra ao estilo de Joseph Spence, um músico e cantor das Bahamas. Produziu e ganhou um Grammy pelas notas que escreveu no disco *African Acoustic* de Dominic Kakolobango.

Assim, a sua viagem sobre Robert Johnson não se limitará à apresentação sobre a película *Cadillac Records*, mas inclui um concerto/conferência de que a voz e a guitarra de Wald serão os protagonistas.



Henry Butler

Música Sex 5 de Fevereiro
Pequeno Auditório · 21h30
Duração: 1h30 · M12

Piano Henry Butler

A devastação de New Orleans causada pelo furacão Katrina, em 2005, obrigou Henry Butler a deixar de viver na cidade da Louisiana, onde nasceu a 21 de Setembro de 1949. O glaucoma que o atingiu à nascença não o impediu de ser músico aclamado.

Nomeado oito vezes para o prémio de melhor pianista do *W. C. Handy Award* (desde 2006 designado por *Blues Music Award*), o mais prestigiado troféu da área do *blues*, foi aclamado pelo “mítico” Dr. John como “o orgulho de New Orleans”.

Desde os 6 anos de idade que Butler toca piano e desde sempre combina e desenvolve vários estilos. A sua biografia oficial apresenta referências que começam com o estudo com o Professor Longhair e passam por gente tão diferente como McCoy Tyner e mestres de formação clássica-erudita em piano, trompete, trombone, percussão e voz onde trabalhou com George Duke, Cannonball Aderly, os desaparecidos Roland Hanna e Lee Morgan.

Ao longo da carreira, Butler colaborou com inúmeros músicos, de Charlie Haden ou Ron Carter a Jack DeJohnette.

A sua discografia é particularmente extensa, mas os exemplos marcantes mais recentes são *Orleans Inspiration*, de 1990, o notável *Blues After Sunset* em 1998 e o registo com Corey Harris (que também se apresenta este ano na

Culturgest) de 2000 intitulado *Vu-du-Menz*, um trabalho profundo entre os dois de exploração dos *blues* do Delta.

Seguiram-se o eléctrico *The Game Has Just Begun*, em 2002 e *Homeland*, em 2004, quando Butler, pela primeira vez, grava em estúdio com um grupo de *blues* e *r&b* e o recente *PiaNOLA Live*.

Os registos de *The Game* e *Homeland* são publicados por uma curiosa editora, a Basin Street Records, uma pequena empresa de New Orleans que teimosamente resistiu ao Katrina e continua a actuar na cidade do Delta onde nunca deixou de trabalhar, continuando a editar Teresa Anderson, Kermit Ruffins e a trabalhar com os Marsalis.

Assumindo ser a sua música uma amálgama de jazz, música das Caraíbas, do Brasil, de Cuba, da pop, do *blues*, de *r&b*, Butler manteve-se contudo durante muito tempo essencialmente oscilando entre o jazz e os *blues*, mas o seu citado registo de 98 e a colaboração com Corey Harris, tanto quanto o regresso à editora Basin Street a seguir, indiciam uma opção clara pelos *blues*. Contudo, será exactamente este trabalho com o guitarrista e as explorações por ele efectuadas nas sonoridades africanas e jamaicanas que acabam a introduzir uma evidente originalidade na linguagem *blue* do piano de Butler mesmo quando, como prefere, integralmente a solo.

Carlos Martins

Água

Programador: Manuel Jorge Veloso

Jazz Sex 12 Fevereiro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M12



Saxofone Tenor Carlos Martins

Piano Bernardo Sassetti

Guitarra André Fernandes

Contrabaixo e baixo eléctrico Nelson Cascais

Bateria Alexandre Frazão

Nascido em Etiópia, no Alentejo, em 1961, o saxofonista e compositor Carlos Martins começou por estudar música e clarinete na Banda Filarmónica de Grândola, a partir dos 14 anos de idade. Tendo ingressado mais tarde nos cursos de saxofone e composição do Conservatório Nacional (Lisboa), estudou ainda na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal, onde também foi docente. Desenvolvendo a sua carreira na área do jazz, em que tocou ao lado de inúmeros músicos portugueses e estrangeiros, Carlos Martins está também ligado à composição para o cinema e para o bailado, mantendo uma forte ligação à música erudita, domínios em que colaborou com Constança Capdeville, Álvaro Salazar, João Paulo Santos e os coreógrafos Rui Horta e Vera Mantero.

Quanto à sua actividade no jazz e em relação a este projecto, segundo as próprias palavras de Carlos Martins: “Ser músico de jazz é ter confiança no acaso. É aceitar a disciplina necessária para manusear o instrumento como se domina uma linguagem. É acreditar no erro como fonte de inspiração. É compreender o outro e aceitá-lo. É um diálogo permanente, sem palavras, do som e das cores que pintam os estados de espírito. É mesmo inventar esses estados em conjunto, libertando-nos do eu, sendo assim cada um mais o que realmente é. Como um quinteto a solo neste projecto, respiramos o mesmo ar e acertamos os nossos gestos e sonoridades fingindo o que deveras somos, um conjunto de impressões e solidões partilhadas. E fazemos disso a música que produzimos; e se a música gostar de nós faz-nos ser outras pessoas, com mais alegria. Trocamos identidades para dar à música o que tanto desejamos: a liberdade.”

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Maria Zara Soares

estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

António Rocha estagiário

Soraia da Silva estagiária

Susana Sá estagiária

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
